



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA
04 a 06 de setembro de 2023
Instituto Federal do Espírito Santo
Vitória-ES

Reflexões sobre expectativas e possíveis impedimentos ou desafios que mulheres (que ensinam Matemática) tem encontrado em sua ascensão acadêmica e profissional

Geisa Abreu Lira Corrêa dos Santos¹
Orientadora Fernanda Malinosky Coelho da Rosa²

Resumo do trabalho. Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em fase inicial, cujo objetivo geral é identificar quais seriam os obstáculos da ascensão acadêmica e profissional das mulheres na Matemática no Brasil. A pesquisa pretende refletir sobre expectativas e potenciais dificuldades encontradas pelas mulheres e proporcionar um incentivo para que mais mulheres busquem a Matemática por meio de exemplos de outras mulheres em situações similares. Com isso, buscamos compreensões do que ocorre nestas situações ligadas à questão de gênero e das mulheres nas diversas áreas da Matemática.

Palavras-chave: Educação Matemática, gênero, carreira, Educação Inclusiva.

Introdução

A problemática das dificuldades encontradas pelas mulheres no ingresso em cursos de pós-graduação em matemática e em empregos nas instituições educacionais, nosso foco, é o principal interesse da minha investigação descrita neste artigo que trata de uma pesquisa de doutorado, ainda em fase inicial.

A convicção em ser professora de matemática se fez desde o meu ensino fundamental, e essa se manteve ao longo do ensino médio. No ano de 2000, ingressei na graduação em licenciatura em Matemática na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Durante o curso, apesar de me deparar com uma matemática totalmente abstrata e diferente do procedimental do ensino médio, a descoberta de uma abordagem lógico-dedutiva da matemática foi o que mais me encantou.

Ao longo da graduação, cada vez mais interessada em me tornar professora de ensino superior, fiz o curso pensando no mestrado acadêmico em Matemática Pura. Para a escolha das eletivas, optei por disciplinas de conteúdo puramente matemático como Teoria de Galois, Análise Matemática II (ou Análise no \mathbb{R}^n que era obrigatória somente para o Bacharelado) e Topologia. As turmas de Teoria de Galois e de Análise II tinham 10 alunos e eram turmas mistas, mas a turma de Topologia tinha apenas 4 alunos. Naquele momento tive a primeira reflexão acerca das mulheres na área da matemática, pois eu fui a única

¹ Colégio Pedro II, PEMAT-UFRJ, geisalanis@gmail.com.

² UFMS, fernanda.malinosky@ufms.br.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

mulher na turma de Topologia. Isso me inquietou: Por que outras mulheres não estavam ali comigo? Diante do interesse nestas disciplinas e no mestrado em Matemática Pura, pessoas me questionavam o porquê de eu não ter optado pelo bacharelado. Mas, a certeza de que faria licenciatura já era bem consolidada.

Logo após formada, iniciei o magistério no ensino fundamental na rede privada de ensino. Em 2006 e 2008, assumi duas matrículas no Estado, atuando no ensino médio. No ensino superior lecionei por 4 anos como professora substituta na UERJ (2005 e 2007 a 2009), nas disciplinas Cálculo I, Cálculo II e Equações Diferenciais Ordinárias.

Em meados de 2012, descobri a seleção para a segunda turma do Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT) na UERJ. Esta possibilidade me animou bastante: retornar para a UERJ depois de oito anos vividos lá, quatro como aluna e quatro como professora. Ingressei na turma de 2013 e, logo na primeira aula, já estranhei: da turma de 30 alunos, tinha apenas nove mulheres e os professores diziam “nossa, quanta mulher! (sic)”, pois na turma anterior só tinham duas alunas. Achei aquilo bem inquietante, pois no grupo da minha formatura de graduação, 58% eram mulheres e sempre trabalhei com muitas professoras de matemática nos dois colégios estaduais. Será que o meu contexto específico, de um equilíbrio de mulheres e homens, não representava a realidade? Será que os espaços ocupados pelas mulheres em áreas da matemática pura ou aplicada eram pequenos como eu havia percebido na disciplina de Topologia?

O ano de 2014 foi marcado por muitos acontecimentos. Assumi o cargo de professora em regime de dedicação exclusiva no Colégio Pedro II, exonerando-me das matrículas do Estado em janeiro, e no mesmo mês engravidei. Escrevi minha dissertação de mestrado durante a minha licença maternidade. Com o término do mestrado e início da maternidade, passei por um momento de reflexão sobre o futuro da minha vida acadêmica. Meu objetivo tornou-se conciliar a experiência adquirida nos quase 13 anos de sala de aula com questões relacionadas às mulheres conquistando espaço e se tornando tão influentes, para isso procurei um doutorado na área de educação matemática e que me proporcionasse pesquisar sobre este tema. No departamento de Matemática do Colégio Pedro II, por exemplo, as mulheres correspondem apenas 24% do departamento aproximadamente, e, no último concurso, dos 21 candidatos aprovados tivemos apenas quatro mulheres. No campus onde atualmente sou coordenadora de matemática, somos duas mulheres e nove homens.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Meu interesse em continuar estudando fez com que, no final de 2018, eu conhecesse o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT). Em 2019, iniciei disciplinas avulsas do doutorado e como o PEMAT permite que alunas e alunos de mestrado, doutorado e avulsos façam as disciplinas juntos, percebi que havia muitas mulheres nas disciplinas que cursei e me questionei se isso se devia ao fato de serem cursos na área de educação matemática. Mas continuei intrigada com a questão de que tenho visto poucas mulheres na área da matemática, mesmo que esse discurso de que matemática é “coisa para homens” já tenha sido tensionado na pesquisa e na sociedade.

Desde 2020, além de cursar disciplinas avulsas, tenho participado das reuniões do Laboratório de Práticas Matemáticas do Ensino (LaPraME). Em 2022 fiz o curso “Estudos de Gênero: o que matemática tem a ver com isso?”. Neste ano também iniciei o Curso de Especialização em Educação Especial e Inovação Tecnológica, oferecido pela Escola de Extensão da Universidade Federal *Rural* do Rio de Janeiro (UFRRJ) com o intuito de ampliar a minha formação, principalmente em questões voltada para a diversidade. Da mesma forma, com interesse nestas questões, tenho participado de reuniões com membros do MatematiQueer³.

O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre expectativas e potenciais dificuldades encontradas pelas mulheres na ascensão acadêmica e profissional.

Assim como Louro (2004, p. 1), “me vejo atraída, sim, a conhecer e a questionar as formas como uma sociedade (esta em que vivemos, particularmente) trata as mulheres”. Nessa perspectiva, com o intuito de desmistificar esta cultura de separação de áreas da matemática indicada para cada gênero, verificar potenciais complicações encontradas pelas mulheres e proporcionar um incentivo para que mais mulheres busquem a matemática através de exemplos de outras mulheres em situações similares.

Sendo assim, minha principal inquietação é entender o que impede ou dificulta a mulher na escolha pela área de bacharelado, ao invés de escolher licenciatura, ou mesmo dentre as que escolhem a licenciatura, o que impede ou dificulta a ascensão dessas mulheres na realização de uma pós-graduação ou na busca por empregos que proporcionem melhores condições de trabalho?

³ Grupo de Pesquisa e Extensão em Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática sediado na UFRJ.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

No que segue faremos um panorama da participação da mulher na área da Matemática.

A Mulher na Matemática, Ciências da Natureza e suas Tecnologias

A questão de gênero relacionada à área das ciências exatas é algo que tem sido tema de interesse de diversos autores. Um jargão que pode ser ouvido é o de que “mulheres são de humanas e homens são de exatas”? Ou quando a profissão engenharia geralmente representada por homens nas ilustrações de um livro infantil nos dando a ideia de ser uma profissão masculina. Ou o fato que somente em 2000⁴ tivemos a primeira mulher a se formar no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

A questão cultural também está fortemente relacionada a isso, quando observamos que os brinquedos criados para meninas são bonecas, pelúcias e utensílios de cozinha e casa enquanto para os meninos são jogos, brinquedos eletrônicos e os vídeos games. Esta questão cultural e social era ainda mais forte no passado, quando a mulher não possuía direitos sociais e políticos e nem liberdade de expressão, mas ainda permanece ao longo dos anos.

Castro (2019) ressalta esta questão da cultura de separação familiar em que ao homem são destinadas as tarefas intelectuais e de trabalho fora de casa e à mulher as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. Há esta grande distinção, ainda, de que a área “de exatas” não é uma área indicada ao público feminino. Segundo a autora,

Desqualificar a capacidade cognitiva da mulher e reduzir seu papel ao de mãe, definir sua personalidade e caráter como sendo essencialmente passivo por oposição ao modo ativo e masculino de ser, facilitou a dominação capitalista na medida em que inferiorizou as mulheres colonizadas, representadas como fêmeas, e não como mulheres, enquanto não seguissem o modelo monogâmico, heterossexual e passivo do patriarcado. (CASTRO, 2019)

De acordo com Fernandez, Amaral e Viana (2019), há uma pouca divulgação do repertório e feitos das mulheres matemáticas de forma mais ampla. “Talvez seja esse um dos principais fatores de meninas sentirem-se desestimuladas a seguir a carreira matemática: a falta de modelos para se identificar” (2019, p. 6). De acordo com as autoras, os livros destacam apenas teoremas e feitos realizados por homens dando a entender que a matemática é algo mais próprio ao universo masculino.

⁴ Refiro-me a Patrícia Silvia Rodrigues e Karina Diogo de Sousa. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u1727.shtml>. Acesso em: 02 mai. 2023.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Dados da Capes comprovam que há um crescimento do número de mulheres nas ciências e pós-graduações, em que elas representam 57% dos bolsistas e 53% no total de matriculadas em cursos *stricto sensu*. Na última edição do Prêmio CAPES de Tese (2019), das 49 áreas de conhecimento premiadas, o número de mulheres subiu de 18 para 22.

No entanto, uma outra grande questão do universo feminino é a pressão psicológica que muitas mulheres sofrem por ter que escolher ou se dividir entre a vida de esposa, mãe e/ou dona de casa ao invés de ter uma carreira. A pesquisadora e escritora Brenè Brown (2016 e 2019) tem várias pesquisas com mulheres e, em seus livros, nos quais encontramos vários relatos de mulheres que se sentem socialmente ou mesmo familiarmente pressionadas por escolherem ter uma carreira. É aquela história: a mulher tem que casar-se, depois de casada ter um filho e, em seguida, o segundo. A mulher que escolhe não se casar, não ter filhos ou mesmo ter apenas um, falhou em algum momento em ser mulher aos olhos de uma sociedade patriarcal. Se ela opta por ter uma carreira, estudar, progredir, mesmo sendo esposa e/ou mãe, é muitas vezes taxada de insensível ou negligente.

Louro (2003) destaca que algumas profissões são consideradas femininas, como o magistério por exemplo, principalmente quando estão vinculadas a cuidado e sensibilidade, pois para alguns está intrínseca na mulher a necessidade do casamento e da maternidade.

Contudo, segundo Carvalho, Ferreira e Penereiro (2016, p. 592),

Intelecto, sabedoria e coragem não são predicados suficientes para se caracterizar o gênero de um ser humano, da mesma forma como não são suficientes para explicar suas atitudes e preferências, como no plano profissional. Tem sido desafiador aos Educadores e Psicopedagogos, justamente por isto, entender as razões pelas quais a opção pela Matemática e por áreas afins, predomina de forma exageradamente destacada entre estudantes do gênero masculino.

Vemos uma notória preocupação do porquê mulheres que são igualmente dotadas intelectualmente para seguir tais carreiras ainda encontram tantas dificuldades e falta de incentivos. É preciso verificar também se há essa cultura de distinção entre pós-graduação relacionadas à matemática ou à educação matemática, principalmente ligada à concepção de que as pós-graduações em matemática pura (exatas) são vistas como mais importantes e difíceis, sendo assim, voltado para homens e as pós-graduações em educação matemática (humanas) seriam menos intelectuais e valorizadas, voltado, portanto, para o público feminino.

Encontramos também no relato das mulheres o fato de que o nascimento de um filho na vida delas traz um período de pouca ou, em alguns casos, nenhuma produção científica,



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

fato nem sempre compreendido pela comunidade acadêmica. Segundo Schienbinger (2001, p. 181,182 e 195)

Para uma mulher que trabalha, uma família é um encargo importuno, uma bagagem extra que ameaça obstruir sua carreira. (...) As mulheres com vida profissional ainda são responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos. (...) Ser cientista, esposa e mãe é uma carga em uma sociedade que espera que as mulheres, mais do que os homens, ponham a família à frente da carreira (...) os anos de 22 a 40, cruciais para o estabelecimento de uma carreira de sucesso, também são os principais anos para o parto.

Segundo dados do projeto #Colabora⁵, em alguns casos o nascimento pode acarretar até mesmo a desistência ou abandono do curso: “foi constatado que 56,5% tiveram que trancar ou abandonar a faculdade por problemas referentes à maternidade, 46,7% tiveram o rendimento acadêmico afetado por conta disso e 91% acreditam que a universidade não atende as demandas das mães universitárias”.

O projeto *Parent in Science*⁶, foi criado com o intuito de acolher as mulheres (e homens também) que sentem uma grande dificuldade de conciliar a vida acadêmica com sua maternidade e paternidade. Muitas vezes, o nascimento dos filhos é visto como uma barreira para conciliar a demanda que a vida com filhos pequenos traz com a participação na vida acadêmica. Este projeto uniu pessoas que vivem e sentem estes mesmos desafios. Graças a um grupo de mães integrantes do projeto *Parent in Science* foi feita em 2019 a solicitação da possibilidade da inclusão da data de nascimento do seu filho no Lattes⁷.

Um breve contextualizado sobre as bases dessa pesquisa

A pesquisa terá como base os estudos de gênero e sexualidade na educação conduzidos por Guacira Lopes Louro e em conceitos e estudos de feministas como bell hooks⁸.

Questões de gênero estão ligadas ao pós-colonialismo que passaram a ser mais evidentes a partir dos anos 1980. Mais precisamente, todo esse percurso realizado por mulheres na área de matemáticas e exatas tem sido objeto de interesse de pesquisadores como Carvalho, Ferreira e Penereiro (2016) que expõem a história de diversas mulheres

⁵ Refiro-me a ser mãe e universitária no Fundão. Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/ods1/ser-mae-e-universitaria-e-padecer-na-ilha-do-fundao>. Acesso: 02 mai.2023.

⁶ Disponível em: <https://www.parentinscience.com>. Acesso: 02 mai.2023.

⁷ A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações.

⁸ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, em homenagem a sua bisavó, escrito em minúsculas como uma forma de protesto.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

matemáticas ao longo das eras, relatando não só os feitos delas e as conquistas alcançadas como também as dificuldades e preconceitos enfrentados. Outro trabalho nesta temática foi o livro *A História de Hipátia e de Muitas Outras Matemáticas* escrito por Fernandez, Amaral e Viana (2019) no qual a história de 15 mulheres matemáticas é contada como fonte de inspiração e incentivo para mulheres e meninas nesta área de conhecimento.

Um estudo correlacionado foi realizado pela professora Fabiane Ferreira da Silva em 2012. Ela, em sua tese de doutorado, entrevista seis mulheres para verificar suas trajetórias, motivações e dificuldades encontradas no percurso realizado na área de ciências. Também é destacado que a maternidade é um fator que dificulta a vida da mulher na escolha pela vida acadêmica e que a área de ciências muitas vezes não é adaptada ao público feminino (SILVA, 2012).

Nesta linha, Salviano (2020, p. 5) analisa em sua dissertação de mestrado a trajetória de seis mulheres cujas narrativas mostram, que “a sociedade carrega consequências da colonização, as quais são expressas por meio de uma sociedade hierarquizada, resultando em dominações sexuais, raciais e classista.”

Louro (2018) destaca os questionamentos dos movimentos feministas e movimento negro sobre a ausência de suas histórias nos currículos escolares. Quando muito, são lembrados em dias específicos como Dia do Índio, Dia da Mulher, Semana ou Dia da Consciência Negra onde a escola apresenta as contribuições destes grupos e faz atividades diferenciadas, teatros com alunos dos grupos envolvidos como protagonistas, passam filmes etc.

Souza e Fonseca (2009, p. 34) destacam a importância de inserir discussão de gênero no campo da Educação Matemática e relatam estudos que possuem “como foco a denúncia contra a opressão e a subjugação do feminino ao masculino, principalmente descrevendo as condições de vida das mulheres (no lar e fora dele)”. A inserção desta adoção mudaria a forma como situações são analisadas e entendidas e desnaturalizaria certas concepções e conceitos das relações de gênero. Não se trata somente de dar maior visibilidade às mulheres, e sim quebrar a relação de poder entre masculino e feminino e a ideia de que a matemática é um campo para homens.

Proença *et al.* (2019) em sua análise documental destaca a pequena quantidade de trabalhos ligados à questão de gênero num levantamento feito em eventos e periódicos relacionados ao Ensino de Ciências e Educação Matemática.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Mais especificamente em relação a maternidade, Vásquez (2014) trata da questão onde a sociedade vê de forma não natural uma mulher que opte por não ser mãe e destaca a luta do movimento feminista pela divisão das tarefas em relação aos cuidados dos filhos a fim de possibilitar uma maior participação da mulher fora de casa.

Em outro relato feito por Carolina Araújo, que junto com Luciana Lomonaco são as duas únicas pesquisadoras do quadro permanente do IMPA, conforme site da Academia Brasileira de Ciências (ABC)⁹, conta que a maternidade tem um impacto muito grande na carreira das mulheres e o fato dela ter sido mãe com 39 anos já doutora e com pós doc acarretou um impacto menor. Segundo ela, “adiar a maternidade não deveria ser uma exigência para seguir a carreira científica”.

Ainda nesta linha, Ebru Eren (2020) traz uma pesquisa com 15 mulheres na área de ciências na Irlanda e o quanto elas relatam essa dificuldade em ser mãe e conciliar com a vida acadêmica, o quanto adiar ou optar pela não maternidade também é malvista ou ainda o quanto a licença maternidade traz complicações para suas pesquisas.

hooks (2021a) destaca que os homens de hoje reconhecem que é necessária uma maior divisão das tarefas, mesmo aqueles que não a praticam e que para os casais mais jovens isso já ocorre com uma maior naturalidade, homens cada vez mais estão sendo pais “mas ainda não alcançamos nem mesmo um traço do que seria a equidade de gênero” (p.122).

A verdade é que, ainda hoje, muito das tarefas de casa e criação dos filhos ainda recai sobre a mulher e não só isso a violência contra a mulher ainda é gritante. Como destaca hooks (2021b), todos afirmam, quando questionados, que é necessário investir e apoiar para que a violência contra a mulher deixe de existir, porém quando as pessoas se dão conta que para isso é preciso “desafiar o patriarcado, e que isso significa não aceitar mais a ideia de que homens deveriam ter mais direitos e privilégios que as mulheres por causa de diferenças biológicas (...)” (p.126), as pessoas acabam por se calar.

Metodologia

A fim de verificar se existem as desproporções citadas e por pretender aprofundar os conhecimentos nas ações humanas, a pesquisa será realizada de forma quali-quantitativa.

⁹ Refiro-me a mulheres Matemática afastadas da academia. Disponível em: <http://www.abc.org.br/2019/07/27/mulheres-matematicas-sao-afastadas-da-academia-com-o-tempo-e-preciso-discutir-o-porque-diz-pesquisadora>. Acesso: 02 mai.2023.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Inicialmente, na busca por bancos de dados que forneçam a concentração e o gênero de professores de matemática em cada rede (particular, municipal, estadual, federal) no Brasil; informações sobre a proporção feminina e masculina dentre os que possuem mestrado; quais mulheres começaram, mas não concluíram o curso de mestrado; em que área foi feita a tentativa ou conclusão do mestrado (acadêmico, educação matemática ou profissional). Caso estas informações não sejam disponibilizadas em bancos de dados oficiais, realizaremos um questionário on-line, de âmbito mais geral com o intuito de obter uma amostragem aleatória.

Posteriormente, será feita uma coleta das principais dificuldades encontradas pelas professoras durante a realização do mestrado ou motivo da desistência. Esta parte será feita através de um questionário aberto. Após a análise destes questionários, serão selecionadas algumas mulheres para entrevistas mais específicas, na modalidade de entrevista semiestruturada. Serão escolhidas, pelo menos, quatro mulheres nas combinações com e sem mestrado / com e sem filhos para analisar, por exemplo, se a escolha ou não da maternidade ou adiamento dela teve influência para seguir ou não carreira de mestrado, qual o curso de mestrado de sua escolha e o motivo dessa escolha, dificuldades e preconceitos encontrados.

Essas entrevistas irão gerar narrativas das experiências relatadas pelas entrevistadas. Após análise dessas narrativas por meio da Análise de Livre Interpretação (ANJOS; RÔÇAS; PEREIRA, 2019), a pesquisa buscará alcançar conclusões mais gerais.

Considerações

Com o crescimento dos movimentos feministas e com a crescente necessidade de a mulher precisar trabalhar para complementar a renda de casa/da família, a maternidade começou a ser questionada pelas mulheres. Além disso com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, e aqui me refiro ao mercado de trabalho de forma mais ampla visto que as mulheres pobres, e em sua maioria negras, já estavam no mercado de trabalho há muito tempo, as mulheres se viram com a necessidade de aumentar seus estudos, a fim de garantir melhores condições de emprego, almejar melhores empregos, prestar concursos, requisitar vagas de chefia.

E então com essa possibilidade de crescer academicamente, aquela história de ser mãe passou a ser repensada. Ou porque crescer na vida acadêmica se tornou prioridade então ser mãe passou a não ser um desejo, um interesse, ou porque a mulher se viu numa encruzilhada, como conciliar uma pós-graduação com filhos? Melhor então não ser mãe.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Adriana Neumann, docente da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS) ganhou, em 2016 o *Prêmio L'Oréal-UNESCO* para mulheres em ciência comenta sobre o efeito tesoura, que fala que apesar das mulheres serem maioria nos programas de pós-graduação brasileiros, quando analisamos a carreira docente e a ocupação de cargos de liderança acadêmica esse crescimento feminino se dá a passos muito lentos. Segundo Adriana,

‘Me tornei mãe em 2015. Em 2016, quando ganhei o *prêmio L'Oréal*, foi pelo que fiz antes da maternidade. Comecei a achar que isso era um problema individual, mas não, é coletivo. Os efeitos da maternidade afetam as mulheres. Isso não acontece com os homens’, diz Neumann [...]. Foi o movimento que conseguiu, em 2021, que o CNPq criasse um espaço no currículo Lattes para registrar o período de licença-maternidade. (RIBEIRO, 2023, s.p., grifo da autora)

Mas Fernanda Staniscuaski, docente da UFRGS, fundadora do *Parent in Science* comenta que não basta que a maternidade esteja no lattes, essa informação precisa ser considerada ao analisar o currículo, no sentido de entender a baixa ou não produtividade científica das mulheres nos primeiros anos da maternidade. Conforme relata Gilliane Trindade, professora do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Minas Geais (UFMG)

Em relação ao impacto da maternidade na carreira, faço coro a todo o grupo de mulheres que viu suas atividades se tornarem tão difusas que não seria possível ter um momento para se concentrar e correr atrás de um projeto, um edital. Deixei de ir a todos os congressos da minha área por vários e longos anos, conseguindo participar de encontros científicos que ocorressem em Belo Horizonte, onde moro, a cidades que estivessem a apenas um voo de distância ou que fossem viagens de curtíssima duração. (UFMG, 2022, s.p.)

Portanto, outro ponto que faz com que as mulheres questionem a maternidade, conforme ressalta Staniscuaski é o fato de a sociedade ver a mulher que é mãe como alguém que não vai se comprometer de fato com o trabalho ou com os estudos ou terá que fazer o curso em mais tempo (o que para alguns programas acarreta baixa na pontuação geral do curso). Mas isso não seria um problema se as tarefas de casa e os cuidados em geral, não só dos filhos, mas os cuidados com os idosos e doentes da família não recaíssem quase sempre nas mulheres. Se houvesse melhor distribuição das tarefas domésticas e dos cuidados com crianças, idosos e doentes.

Segundo Fernanda Staniscuaski, se existisse no Brasil, tal como em outros países uma política que viabilizasse a reentrada da mulher na carreira acadêmica após a maternidade, com aporte financeiro e condições estruturais talvez as mulheres, que querem



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

ser mãe (pois não há nada de errado em não querer) não se vissem encurraladas na decisão tenho ou não filhos, faço pós agora ou depois, adio ou não a maternidade?

E não é só na carreira que a maternidade traz impactos para a vida da mulher: “*Após 24 meses, quase metade das mulheres que tiram licença-maternidade está fora do mercado de trabalho, (...) A maior parte das saídas do mercado de trabalho se dá sem justa causa e por iniciativa do empregador.*” (NETO, 2016). Vale ressaltar que essa queda se dá muito mais em mulheres com menos escolaridade. Ou seja, a licença maternidade sozinha não é suficiente para manter as mães no mercado de trabalho é preciso que outras políticas como expansão das creches e escolas de educação infantil contribuam para que essas mulheres não percam seus empregos, principalmente as com menor nível educacional.

É notória então, a necessidade de se investir mais em pesquisas relacionadas a este tema. Segundo Meyer (2018, p. 20) em Louro (2018) “considera-se a necessidade de examinar os diferentes modos pelos quais o gênero opera estruturando o próprio social que torna estes papéis, funções e processos possíveis e necessários”. Com isso, buscamos uma melhor compreensão do que ocorre nestas situações ligadas à questão de gênero e das mulheres nas diversas áreas da matemática.

Referências

- ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G.; PEREIRA, M. V. Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. **Ensino Saúde e Ambiente**, v.12, n.3, p. 27-39, dez. 2019.
- CAPES, Fundação. *In: CAPES contribui para participação da mulher na ciência.* [S. l.]: Redação CCS/CAPES, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-contribui-para-participacao-da-mulher-na-ciencia>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- CARVALHO, T. F.; FERREIRA, D. H. L.; PENNEREIRO, J. C. Matemática. Matemática, Mulheres e Mitos: causas e consequências históricas da discriminação de gênero. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 571-597, 2016.
- CASTRO, S. de. **O feminismo decolonial.** Cult, 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-feminismo-decolonial>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- EREN, E. Never the right time: maternity planning alongside a science career in academia. **Journal of Gender Studies**, v. 31, issue 1, p. 136-147, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1858765>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- FERNANDEZ, C. S.; AMARAL, A. M. L. F.; VIANA, I. V. **A História de Hipátia e de Muitas Outras Matemáticas.** Rio de Janeiro: SBM, 2019.
- hooks, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/bell hooks; tradução Bhuvi Libanio.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021a.
- hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas/bell hooks; tradução Stephanie Borges.** São Paulo: Elefante, 2021b.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade.**

Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ª reimpressão, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento.** In: LOPES, Denilson (Orgs.). Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa, 2004.

NETO, V. P. **Mulheres perdem trabalho após terem filhos.** Disponível em:

<https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>. Acesso em 02

mai. 2023.

PROENÇA, A. O. Tendências das Pesquisas de Gênero na Formação Docente em Ciências no Brasil. **Química Nova na Escola: Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 98-

107, fevereiro 2019. Disponível em: [http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc41_1/12-CP-42-](http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc41_1/12-CP-42-18_ENEQ.pdf)

18_ENEQ.pdf. Acesso em: 02 mai. 2023.

RIBEIRO, F. T. **Por que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência?** Disponível em: [https://noticias.unb.br/117-](https://noticias.unb.br/117-pesquisa/6372-por-que-as-mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-mas-ocupam-menos-da-metade-dos-cargos-de-docencia-nas-universidades)

pesquisa/6372-por-que-as-mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-mas-ocupam-menos-da-metade-dos-cargos-de-docencia-nas-universidades. Acesso em 02 mai. 2023.

SALVIANO, C. **Vozes de Mulheres na Academia: desmantelando armadilhas para nos**

invisibilizar. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Matemática, Rio de Janeiro, 2020.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP: EDUSC, 2001.

SILVA, F. F. **Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias.** 2012. Tese

(Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal

do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. Conceito de Gênero e Educação

Matemática. **Bolema**, Rio Claro, ano 22, n. 32, p. 29-45, 2009. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/2912/291221889003.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2023.

UFMG, Assessoria de Imprensa. **Impactos da maternidade na carreira acadêmico-científica é tema do evento 'Mulheres na Ciência', da Fundep.** Disponível em:

[https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/impactos-da-maternidade-na-](https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/impactos-da-maternidade-na-carreira-academico-cientifica-e-tema-do-evento-mulheres-na-ciencia-da-fundep)

carreira-academico-cientifica-e-tema-do-evento-mulheres-na-ciencia-da-fundep. Acesso

em 02 mai. 2023.

VÁSQUEZ, G.. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista**

Trilhas da História. Três Lagoas, v.3, n.6 jan-jun, 2014.p.167-181.